

Memorias, ¿para qué?

II Seminario Internacional Memorias Políticas en
Perspectiva Latinoamericana

Coordinadora: **Eliana Lacombe**

Autores:

Eliana Lacombe
Melisa Paiaro
Mariel Slavin
Ludmila da Silva Catela
Javier Lifschitz
Sandra Arenas Grisales
Vera Vital Brasil
Marta Giraldo
Cristiana Corsini
Mariana Carneiro de Barros
Graciela Tedesco
Carolina Dardi
Lícia Gómes
Antonella Rodríguez Monje
Lucía Ríos
Meynardo Rocha de Carvalho
Guido Negruzzi
María Elena Otero
Raïssa de Góes



MEMORIAS, ¿PARA QUÉ?

Memorias ¿para qué? II Seminario Internacional Memorias Políticas en Perspectiva
Latinoamericana / Eliana Lacombe ... [et al.] ; coordinación general de Eliana Lacombe

1ª ed. compendiada. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba.
Facultad de Filosofía y Humanidades, 2020.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-950-33-1581-1

1. Antropología. 2. Estudios Culturales. 3. Política. I. Lacombe, Eliana, coord.

CDD 301.01

Comité editorial: Eliana Lacombe, Mariel Slavin, Melisa Paiaro, Itatí Pedro.

AS ÁGUAS DO RIO, AS ÁGUAS DO MAR, O ESQUECIMENTO

*Raïssa de Góes*¹

É possível se acostumar com a ausência do morto? “A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade.” (ROSA, 2005, pg. 79). Nunca se acostumou. O luto, talvez, seja possível. E quando não há o morto, o corpo morto? O corpo. O pai não está morto. O pai é ausência, faz lugar da ausência, no flutuante do rio. Um lugar. Um entre. Nem mais entre lugar. Apenas entre. Uma terceira margem.

A terceira margem do rio talvez seja um dos mais conhecidos contos de João Guimarães Rosa. Aqui, um sopro para espantar a poeira que poderia cobrir a lembrança da narrativa. O pai do narrador decide mandar fazer uma canoa e partir para o meio do rio. Nunca se afasta totalmente da casa, mas também não fica à vista da família. Os anos passam, seus filhos e mulher vão embora. Não todos, o filho/narrador resta no cuidado do pai, cuidado distante. Quando chega a velhice, o homem vai até a beira do rio e acena. Se dispõe à troca, assumiria, então, o lugar/destino de seu pai. Fraqueja. Quem é que pode carregar o destino dos pais? Refuga, não vai. Do velho, ninguém tem mais notícias. Vira rio e o filho permanece em terra, resta com seu “falimento”. O pai some no rio, desaparece. Este é o caroço da narrativa, seu resumo mais restrito. Serve mesmo para trazer o enredo para este artigo e, então, podermos desenvolver as ideias aqui apresentadas. Um pai que, por sua própria decisão, se aparta da família e vai viver num suspenso do tempo e do espaço. Funda um lugar que não é lá nem cá, uma terceira margem. A margem é ele mesmo, ele e sua canoa. Ele, canoa e margem sendo um só. Um, a extensão do outro. Extensão que se transforma em rio, água. O pai. o homem que some de vista, não é uma morte, mas um adeus dado em silêncio. Um saber que se cumpre na ausência, mas não no fim. Será que as águas do rio guardam a lembrança dessa margem? Essa outra margem.

¹ Minha instituição é PUC-Rio. E-mail: g.raissa@gmail.com

“Se a água tem memória, terá memória disso também.” (Zurita, 2014). É possível que a água guarde lembrança do pai que retirou-se e partiu para destino algum? Não que tenha partido sem destino, não se lançou a um vagar, uma deriva. O pai foi para o não destino, o caminho suspenso. Um dia decidiu e mandou fazer, para si, uma canoa. “Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos.” (Rosa, 2005:77). Um longo durar nas águas. Um tempo que se esticaria até o fim da vida do pai. Um fim jamais testemunhado. Haveria, então, um fim? “Uma linha sem começo e fim.” (Siba, 2002).

Terá memória disso também? O rio? Memória do morador de suas águas até seu desaparecer da vista e do saber de seu filho? A água tem memória com diz o poeta Raul Zurita? Ou será, a água guardiã de esquecimento? É possível dizer isso? As águas do rio guardariam o esquecimento do pai? Esta formulação parece ser algo da ordem do impossível, se pode guardar é a lembrança. O que se apaga ou esquece, passa, é levado pela maré, onda vem e carrega. E se não for assim? A onda não carrega tudo. Lembremos das pegadas em uma beira de praia, podem ainda restar depois do passar das ondas. Um resto. Muitas coisas podem permanecer mesmo depois de apagadas. Ao menos, podem retornar.

O poeta chileno Raul Zurita se refere as águas do oceano Pacífico. Seu depoimento está em um documentário de Patricio Guzmán: O botão de pérola. É um filme sobre a água, sobre os primeiros habitantes do sul do Chile, sobre a exterminação quase total dessa gente que ali vivia. Viviam como nômades dos mares, navegavam em pequenas canoas. Seriam parecidas com a canoa que o pai do conto de Guimarães vai fazer morada? O filme mostra a história dessas tribos dizimadas pela doença, pela colonização e pelo horror. Hoje, estão quase todos mortos. Etnias que desapareceram. Desaparecem. O filme, como maré que vai e volta, traz narrativas dos viventes do Chile. Desaparecidos. Os que sumiram em um passado distante e os de décadas próximas. Desaparecidos. O documentário, então, segue para a história recente daquele país: a ditadura militar.

Milhares de mulheres e homens sequestrados e assassinados por um governo autoritário. Um Estado usurpado.

Los vuelos de la morte, os vôos da morte. A maneira como os militares faziam desaparecer os presos políticos da América Latina durante os chamados anos de chumbo. Amarrava-se os presos a um pedaço de trilho, ferro pesado, colocavam dentro de dois sacos e os lançavam ao mar. O Pacífico. Águas geladas e escuras. Alguns já mortos e outros moribundos, todos com o mesmo destino: as ondas do mar. O filme de Guzmán desliza para este tema dos presos políticos lançados sobre o oceano Pacífico. Durante a ditadura, em muitos países da América do Sul, esta era uma prática para fazer desaparecer os corpos dos militantes mortos. Jogá-los ao mar. Um requinte de crueldade contra as famílias dos presos, um modo de esconder as pistas. Um fim jamais inscrito na história do continente. Uma interdição eterna de se enterrar os mortos. Nossos mortos. Uma mãe não poderá enterrar, jamais, sua filha morta. Um filho verá seu pai desaparecer da história do mundo. Esse desaparecimento deixará marcas. O esquecimento guardará essas marcas. Repito, torcendo, a fala do poeta: se a água esquece, guardará o esquecimento dos desaparecidos, os restos dos corpos. Resto.

O rio e o mar. Águas e histórias, doce e salgada, semelhantes e distantes. Aproximo, aqui, estas narrativas, não como um rio que deságua no mar e a ele se incorpora, mas respeitando suas diferenças. O pai do conto de Guimarães Rosa decide ir viver no rio. Seu estado de suspensão é uma escolha. O desaparecido político não teve escolha, foi sequestrado, assassinado e teve seu corpo lançado ao mar. Jogado em uma tentativa de esquecimento. Apagar as pistas e as pessoas, suas histórias. O que este artigo busca é pensar naqueles que ficam em terra. A família, os amores que permanecem na espera, à espera do fim. Aproximo a questão do filho no conto “A terceira margem do rio” a dos familiares dos desaparecidos durante as ditaduras sul-americanas das décadas de 1960 e 1970. Mais especificamente, como pode-se ver, aproximo o conto dos desaparecidos chilenos. Caberia perguntar como se deu a escolha do país, pois muitos passaram pelo mesmo horror. O Chile foi escolhido por ter sido objeto do filme/documentário citado acima. “O botão de pérola.” (Guzmán, 2014). Em ambos, a desapareição se deu em água.

Em ambos, a água se mostra incapaz de apagar. Em ambos, alguém permanece desejando testemunhar o fim da história, alguém permanece ligado ao desaparecido, impedido de seguir. Amarrado a um fantasma sem corpo. Sem corpo.

Certamente, o tempo dos desaparecidos não passou por completo. Deixou de ser uma política oficial de Estado quando voltamos a tentar construir uma democracia. Mas o gesto político de assassinatos e desapareções ainda é executado por forças estatais. Executado de forma extraoficial, mas difundida. Pode-se dizer com todas as letras e sem se faltar com a verdade: a polícia militar mata. Há um braço do Estado que ainda assassina, aniquila. Nossos mortos e desaparecidos da América, durante o regime militar, são nossos fantasmas. O recalque do trauma permite esse retorno, pior, esse “ainda”. Refiro-me a ideia, presente no discurso psicanalítico, de que o trauma não elaborado retorna, mesmo que de modo modificado. Este retorno se dá, com extrema violência, sobre pobres, negros e uma parte da população a quem tudo é negado, sistematicamente, todos os dias. Todos os dias. Nem mesmo o retorno do trauma é democrático neste país. Retomemos, pois, a literatura, o cinema. Retornemos à escrita.

“Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio” (Rosa, 2005:78). O rio do conto de Guimarães Rosa. O oceano da história do Chile. Será que as águas guardam, justamente, o esquecimento? Será que a tentativa de fazer o mar levar embora os corpos, permitiu, ao contrário, que a água preservasse a narrativa? Não totalmente, é certo, uma narrativa com falhas e vazios, uma história de restos. Uma narrativa escrita pelo esquecimento. Não há nada que se apague de todo. Poderiam, as águas, guardar o esquecimento? Seria esta, uma terceira margem? Olvido. Diz-se comumente que alguém ou algum fato caiu no esquecimento. O senso comum faz crer em um modo de esquecimento corrosivo, ali, os fatos passariam a não mais existir. Mas não é sempre assim. Há ainda o que não se apaga de todo. Antes, mesmo o apagamento pode gerar uma escrita. Borracha transformada em lápis.

Procurro, portanto, pensar nessa ausência do pai na narrativa de Guimarães e dos desaparecidos durante o regime militar. A ideia de esquecimento está presente em

ambos os casos: o pai que despede-se da família e passa a vida sem ser mais visto, dentro de uma canoa, sobre a superfície das águas de um rio e os corpos lançados à profundidade das águas do Pacífico. Descartados para que nunca mais fossem encontrados e, conseqüentemente, as histórias daquelas pessoas deixassem de existir. Desaparecer não é deixar de existir, já sabemos disso. O desaparecimento de alguém produz um traço, uma marca naqueles que esperam. O resto fica. No conto, o resto é o filho. “Eu fiquei aqui, de resto.” (Rosa, 2005:81). É ele quem fica em terra. Uma vida de espera é quase uma não vida. Mas fiquemos um pouco mais com os desaparecidos. Afirmo uma vez mais a diferença entre a literatura e a história nestes casos. O pai escolhe partir, um militante é sequestrado e assassinado. Não há escolha, mas captura. Insisto em deixar clara esta diferença, é fundamental que a diferença seja estabelecida para podermos seguir navegando com as semelhanças.

Um lugar de suspensão, a falta do fim e do corpo a ser enterrado. Uma semelhança que marca os que ficam. O resto. “Eu fiquei aqui, de resto.” (Rosa, 2005:81). O pai nunca voltaria, apenas um gesto de longe, um avançar para o filho. E a troca nunca aconteceu. O filho não cumpriu o destino do pai. O rio se lembraria daquele quase encontro? O pai que iria trocar de lugar com o filho. O filho substituto na escolha de seu pai. Não. O filho recusou-se e nunca mais se soube daquele velho. Virou rio. Terceira Margem. A terceira margem do rio. O corpo foi-se pro canto de não sei onde. Se a água tem memória, lembrará disso também. A água que corre, esquece. Mas no esquecimento da água, algo ainda resta. O esquecimento não varre tudo, todas as histórias. Não há o que se apague do todo. O esquecimento pode passar com a força de uma tromba d’água, mas não apaga tudo. Mais, escreve. O pai. A água terá memória e esquecimento disso também. Pai.

O pai, no conto de Guimarães Rosa, ocupa o lugar de um desaparecido, um velho perdido para o rio. Não atravessa as águas, nem as usa como caminho para lugar algum, antes, funda uma terceira margem, permanece nesse outro lugar. Lugar do meio. “Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a intenção de se permanecer naqueles espaços vazios do rio, de meio a meio.” (2005, p.78). A dor de uma ausência que fica como marca. O sufoco, a falta de fôlego que é estar em uma história que não se fecha, não se resolve.

A ausência sem sepultura, nem despedida. A espera. A ação do pai provoca esse estado em sua família. Ficam por um tempo presos ao rio, esperando que um dia ele volte, o pai. Aos poucos, no passar dos anos, vão desistindo e partindo dali. Mesmo a mulher se cansa, envelhece e vai embora. O filho, não. Esse fica. Coisa de filho, de pensar que deve continuar o pai, ser sua sequência, esse fica. Não é do desejo do pai que procuro falar agora. Mas, como disse, da marca deixada pela ausência desse pai em sua família. Fazer ver essa semelhança entre a família do conto e as famílias dos desaparecidos políticos. E, sublinho, todo desaparecido na mão do Estado é político, esteja ou não em uma luta explícita por democracia. Amarildo é um desaparecido político, Fernanda Pinheiro, Maria Eduarda da Conceição, meninas assassinadas pela polícia, são vítimas políticas. Esses são apenas três dos milhares de nomes que morrem a cada ano no Brasil durante uma ação policial, uma ação do poder público. No Brasil, um fenômeno se criou: a elite dominante conseguiu que uma mesma classe social se auto extermine. Os policiais e as vítimas pertencem ao mesmo grupo social. Me pergunto o que se passa com os corpos e vidas desses homens tornados assassinos. Uma elite que governa em causa própria é mesmo genocida. Os casos desses mortos que ficam para a história como efeitos colaterais ou atos de resistência não são desaparecidos. Suas famílias, suas mães e seus pais podem exercer os ritos fúnebres. Sua desapareição é de outra ordem. Eles têm suas histórias apagadas, negadas e até mesmo manipuladas. Ficam inscritos na letra da lei, muitas vezes, como traficantes, bandidos armados e mortos em confronto. O que desaparece, muitas vezes, é o futuro e a dignidade. Não farei mais rodeios ou digressões, retomemos o curso do texto. A comparação entre o conto do homenageado João Guimarães Rosa e o documentário de Patricio Guzmán e a tarefa do esquecimento.

“Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só pra se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.” (Rosa, 2010:80). Assim, o filho/narrador se refere a um possível esquecimento da figura do pai desaparecido. Um esquecimento que “a gente fazia que esquecia” e, de dentro desse esquecimento, um sobressalto da lembrança, o pai retorna em lembrança. Um fantasma de um corpo vivo ainda, um morto vivo. Os mortos, nós os

enterramos. Se não há o sepultamento, como fazer o luto, como o adeus final? Mortos-vivos, fantasmas de desaparecidos. Fantasmas dos oceanos, das águas. A passagem de Guimarães traz uma torção. Memória e esquecimento ocupando o mesmo espaço no pensamento. Esquecimento como uma das formas de memória, uma superfície torcida. É do esquecimento que desperta a memória, como se fosse gerada em seu interior, mas o tempo aqui não é de uma geração ou gestação. É o tempo sem espessura, quando uma coisa não deixa de ser ela sendo, concomitantemente, outra.

Os militantes assassinados e nunca mais vistos estão em uma categoria ainda mais perversa que “mortos-vivos”. Pois não há mais nada de vivo. Se sabe de suas mortes, mas há um silêncio, se trata de um saber calado. Essas mortes não foram inseridas no discurso oficial, a seus familiares é negada a possibilidade de enterrar os mortos. Uma narrativa sem fim, uma zona de suspensão. Saber emudecido.

O rio do conto é o espaço dessa zona de suspensão. Uma falta de resposta ou de ponto final na história, no amor do filho. Quando alguém some, deixa uma inscrição de cicatriz no corpo de quem fica. Aparente na epiderme ou não, a cicatriz está lá. Olhando bem, podemos ver, ver com um outro olhar. Talvez, se trate de um modo de ver pela escuta. É possível escutar essa cicatriz. Uma marca que sussurra a narrativa de uma ausência. A tentativa de apagar se frustra, sabemos das vidas perdidas.

A água do rio não afoga a canoinha do pai, não o leva para outras terras, mas o mantém em desapareição. Aqui, o que ganha espessura é essa desapareição. Essa sentença sem pontuação. Os desaparecidos dos *vuelos de la morte* são afogados e mortos pelas águas, mas a suspensão do fim permanece, assim como permanece a escrita da falta na pele de quem espera.

Água. Um material que não guarda lembrança, esquece, corrói. É o que se pode dizer. É o que se diz. Mesmo sem concordar, se diz por aí, repete-se. Por cansaço, talvez. Repetimos o senso comum, assim, porque tem horas que dá cansaço. Porém, creio ser importante repensar essa ideia de esquecer, remarcá-la. Uma escrita de restos. A escrita do apagado. Uma escrita e uma escuta. Olvidar. Ouvi. Ouvir a voz das águas. O que elas querem nos dizer? As águas do oceano Pacífico. O grande mar, o maior de todos, banha

as Américas e o Oriente, banha o Chile e o Japão. Patagônia e Hiroshima. O grande oceano de águas uma vez ditas calmas, daí seu nome. Uma enorme bacia de água salgada que testemunha tantas guerras. Um depositário de esquecidos e mortos. O mar do Chile. Os mortos do Chile. Os desaparecidos.

O filme sobre o qual escrevo, *O Botão de pérola*, se inicia com uma citação dos versos de Raúl Zurita, poeta chileno: *Somos todos arroyos de una sola água*. Então, surge a imagem de um bloco de quartzo e, em seu interior, uma gota do oceano, o bloco foi encontrado no deserto do Atacama. O deserto guardava uma gota de água, o mar. Seu oposto, oposto que habita em si. O deserto do Atacama guarda muitas coisas ainda. Mas essa é uma outra história, não, essa é uma extensão da mesma história. Morte e vida, o deserto e o oceano. Os vestígios, os ossos. Mas este artigo tratará apenas das águas e não do deserto.

O documentário se desenrola trazendo e investigando este tema: a água. O oceano Pacífico é a maior fronteira do Chile. Por que o país, hoje, parece dar as costas a essa fronteira? Se pergunta o cineasta e narrador. O filme se desenrola investigando as questões políticas e históricas do Chile e de seu oceano. E pensar no Chile é pensar na Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia e toda a América Latina. Somos arroyos de una sola água. Somos marcados por uma história muito parecida, uma semelhança no horror e opressão.

Ao mostrar costa sul do Chile, onde ilhas parecem boiar à deriva pelo Pacífico, Guzmán vai tecendo uma narrativa acerca dessa relação pouco explorada entre mar e terra. Mostra como no começo não era assim, o começo que se conhece daquelas ilhas e a gente que vivia ali. Um começo narrado muito perto do fim. Não quero dizer com isso que tenham vivido poucos anos, não é isso, os indícios é que tenham chegado àqueles mares há dez mil anos. Os primeiros habitantes. Mas sua história é contada como uma narrativa de extermínio, é contada por nós, filhos da colonização do homem branco europeu nas Américas. Toda história contada desses habitantes ou nativos, como chamam alguns, é um preâmbulo para seu fim. Senão um aniquilamento total, uma matança por fogo ou doença que faz dos que sobraram fantasmas vivos.

Esses habitantes iniciais da Patagônia Ocidental, como é conhecido o arquipélago, viviam como nômades da água, sobreviviam do que a água lhes trazia, seus caminhos eram feitos nesse mar entre as ilhas e as pedras. Eram cinco grupos: os Kawesqa, os Selk'nam, os Aoniken, os Haush e os Yamana. Ali viviam e dali tiravam vida. Mas hoje já não podem navegar em suas canoas, a marinha proíbe. Hoje, o mar tem dono, virou propriedade, propriedade do Estado, mas o Estado nem sempre atende a todos. Tem vezes que o Estado até tortura e mata.

Depois da chegada dos colonos, do repovoamento da região por povos brancos e europeus, deu-se a mudança: do mar vinha o inimigo. O mar passou a ser o interdito, a ponte para terras distantes e para a morte. Vieram o genocídio, a doença, a exploração. A marca do outro naqueles corpos. O explorador, o branco, intruso que não se mistura, mas aniquila. Aqueles corpos foram lançados ao esquecimento e era com essa marca que seguiriam sua sobrevivência, os poucos que ainda restam.

Os nativos foram retirados das águas. Impedidos. No filme, há entrevistas com alguns desses sobreviventes. A uma delas, Gabriela, é perguntado se sente chilena, ela diz que não. Sou Kawesqa. Mas não há mais nação com esse nome, não há mar, terra ou pedra. São seres suspensos, esquecidos. Lhe deixaram um pedaço de terra, mas lhe tiraram a navegação. Era uma gente das águas. Vivem nem lá, nem cá. Uma terceira margem. Eram os habitantes primeiros da terra e do mar do sul chileno, foram dizimados. Restaram vinte.

O processo de apagamento dos homens e mulheres do Chile se deu de muitos modos. Veio e foi e voltou, como o movimento mesmo das marés. Como escrevo acima, o filme nos mostra esses modos de apagamento indo das primeiras etnias do sul do Chile aos militantes mortos no período de governo ilícito e autoritário que se instalou naquele país.

Afirmo aqui que a água não faz deixar de existir, embora recolha para sempre a maioria dos corpos, algo resta e retorna à areia da praia. A escrita do resto não trata de uma recuperação dos fatos. Isso, como se sabe, é impossível. Essas histórias mostradas no filme não refazem a história do Chile. O pai, no conto de Guimarães, não retorna à

margem para narrar o que passou ou explicar o motivo de sua partida. A falhas que não se fecham. A narrativa do desaparecido vem justamente dessas falhas, daquilo que, aqui, chamo de resto.

O mar devolve um corpo, ainda na década de 1970. Desse corpo que se desprende dos trilhos, se pode suspeitar e entender o que ocorreu. Existem, ainda hoje nos mares chilenos, homens que saem em pequenas embarcações à procura dos trilhos no fundo do mar. Os trilhos que prendiam os corpos dos presos. Em um deles, o botão de madrepérola que dá nome ao documentário. Um botão de camisa. Pequeno objeto que remete ao nome de um dos nativos da época da colonização; Jimmy Buton. Ele foi levado ao continente europeu numa espécie de “experimento civilizatório”. Nomeado de Buton por ter aceitado fazer a viagem em troca de um punhado de botões. Mudaram-lhe os hábitos, os cabelos e lhe ensinaram uma nova língua. Quando o levaram de volta para a patagônia, ele já não pertencia a nenhuma parte, já não falava nenhuma língua. Suspenso. Nem lá, nem cá. Uma terceira margem.

O que se pode apreender dessa aproximação entre o pai e a figura do desaparecido é uma espécie da resistência da narrativa. Resistência que, a meu ver, vem dessa escrita do esquecimento. O lugar da ausência, mesmo quando há forças comprometidas em silenciar esse lugar, fala. Aquilo que foi apagado ainda fala. Ainda produz narrativa.

O filho, o que resta, conta a história do pai, sua história com esse pai. O filho traça a trama que funda a terceira margem. Sim, a margem propriamente é o pai, a canoa, sua sombra que se estira rio a dentro. Mas as palavras vem do narrador, daquele que resta. O resto narra, o esquecimento produz escrita. Assim como ocorreu no oceano que banha o Chile. As ondas do mar devolveram um pedaço de história, um traço que produziu, ele também, narrativa. É necessário entender a diferença entre produzir narrativa e recuperar uma história. Esta última é impossível, isto é sabido. Não exponho mistérios aqui. A reconstituição dos fatos, além de impossível, é um gesto perverso. Pois recoloca os participantes nos mesmos lugares ocupados no passado. Ou seja, a vítima permanece na posição de vítima. E, assim, estará sempre perdendo. A escrita, do esquecimento pode

ser mais contundente e necessária. Uma narrativa que reconhece as falhas, as marcas e o resto. Mais, reconhece e fala a partir deles.

Talvez, fosse esperado, nesta revista, uma homenagem direta ao autor mineiro, ao escritor cuja morte completaria cinquenta anos. João Guimarães Rosa. Uma discussão fechada em sua escrita. Talvez. Mas o uso de seu conto, *A terceira margem do rio*, para discutir política e história é também um modo de deixar viva sua escrita. Busquei pensar uma possível escrita do esquecimento a partir da figura do pai do conto. Dessa outra margem fundada por seu gesto. Terceira. Um número impossível ao pensar nas formas dos rios, as formas das águas. Um lugar que desafia a geografia tal como aprendemos nos livros e mapas de colégio. Um lugar de meio, um intermédio que aponta incessantemente para uma ausência. Um fim nunca alcançado, não se chega do outro lado. O pai não vai embora, o filho não assume seu lugar. O adeus trava na garganta. O pai, aquele que foi, virou rio, inscrição nas águas.

É bem verdade que este texto pode estar sendo lido em um lugar diferente daquele para onde foi escrito. Pode-se tratar de um artigo recusado. É possível que este artigo tenha se distanciado por demais da literatura, da linguagem própria dos artigos. Quem sabe não está, ele também, à deriva? Pode-se tratar de um texto que se perdeu ou foi perdido. Sim, pode-se tratar de um texto recusado. Pois, pode ser que justifiquem, o artigo apresentado não está coerente com o tema. Não sei, não sei. Talvez este texto nem mesmo exista, é possível que não circule em lugar algum. Mas não é também uma homenagem manter o texto deslocando-se? As águas em fluxo? Usar aquilo que foi escrito como literatura de instrumento, antes, motor e gasolina para o pensamento? Não é, também, uma homenagem fazer da ficção, pensamento? Deixar infiltrar a água e corroer as paredes das fronteiras. Aqui, está, portanto, esta pequena homenagem a Guimarães Rosa. E se nunca ninguém a quiser ler ou publicar, posso ainda escrevê-la em letras feitas à mão e lápis e guardá-la dentro de uma garrafa de vidro, fechá-la bem direitinho, sim, já se adivinha. E, então, deixar a garrafinha em algum canto de águas, uma curva do rio. E ver as palavras e a garrafa tomarem seu rumo de curso das águas. Com sorte, acontece como deseja o narrador para sua própria morte. “Mas, então, ao menos,

que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.” (Rosa, 2005:82).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. (1987). *Obras escolhidas*. Vol. I. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1987). *Obras escolhidas*. Vol. II. São Paulo: Brasiliense.
- ROSA, J.G. (2005). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ZURITA, R. (2013). *INRI*. Buenos Aires: Mansalva.